

Sala de Aula em Cena! Mostra
Skholé de Artes Cênicas:
processos artístico-pedagógicos
com crianças e jovens da escola
básica na universidade

*Sala de Aula em Cena! Mostra
Skholé de Artes Cênicas: artistic-
pedagogical processes with children and
youth from basic school at the university*

Túlio Fernandes Silveira¹

Julia Fernandes Lacerda²

Heloise Baurich Vidor³

1. Doutorando em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vinculado à linha de pesquisa Pedagogia das Artes Cênicas. Graduado em Licenciatura em Teatro e Mestre em Artes Cênicas, sob orientação da Profa. Dra. Heloise Baurich Vidor. Professor substituto de Teatro do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/UFSC). ORCID no.: <https://orcid.org/0000-0002-6747-1443>. E-mail: tulio.fs@hotmail.com.

2. Doutora em Artes Cênicas do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora de Arte efetiva no Ensino Fundamental do Estado de Santa Catarina e Professora Colaboradora do Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) da UDESC. Mestre em Teatro (2011-2013) na mesma instituição. ORCID no.: <https://orcid.org/0000-0002-0613-2376>. E-mail: juliateatro2@gmail.com.

3. Pós-doutorado em Artes Cênicas na Universidade de Évora, Portugal. Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Docente permanente do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da UDESC. ORCID no.: <https://orcid.org/0000-0002-4338-816X>. E-mail: heloisebvidor@gmail.com.

Resumo |

Apresenta-se neste texto os fundamentos do projeto *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas* da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) com base nas teorias investigadas no Grupo de Estudos, coordenado pela Profa. Dra. Heloise Vidor, vinculado à área de Pedagogia das Artes Cênicas. A partir de diálogos com Jacques Rancière (2015; 2022), Jan Masschelein e Maarten Simons (2021), Jorge Dubatti (2012), Heloise Vidor (2020) e da descrição e análise dos processos compartilhados na primeira edição da Mostra em 2023, evidencia-se o potencial da Arte/Artes Cênicas como matéria de estudos do currículo escolar da educação básica para a instauração de um espaço de suspensão, igualdade pedagógica e convivialidade. A Mostra configurou-se como lugar para a defesa e a visibilidade das Artes Cênicas e do Teatro que é realizado nas salas de aula das escolas da Grande Florianópolis (SC).

Palavras-chave: Escola; Teatro na Educação; Crianças e jovens; Pedagogia das Artes Cênicas.

Abstract |

This text presents the foundations of the project *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas* [Classroom in Scene! Skholé Theatre Event of Performing Arts] from the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) [State University of Santa Catarina (UDESC)], based on theories investigated in the Study Group coordinated by Professor Heloise Vidor, linked to the Pedagogy of Performing Arts field. Through dialogue with Jacques Rancière (2015; 2022), Jan Masschelein and Maarten Simons (2021), Jorge Dubatti (2012), Heloise Vidor (2020), and the description and analysis of processes shared in the first edition of

the Theatre Event in 2023, highlights the potential of Art/Performing Arts as a subject of study in the basic education school curriculum for the establishment of a space of suspension, pedagogical equality and conviviality. The Theatre Event was configured as a place for the defense and visibility of the Performing Arts and Theater that is performed in the classrooms of schools in Grande Florianópolis (SC).

Keywords: School; Theater in Education; Children and young people; Pedagogy of Performing Arts.

1 Abrir espaço ao invisível: uma introdução

“Era uma vez um menino com um superpoder:
na sua família, só ele via os invisíveis.
Era assim ao sair de casa
com seu pai pela manhã...
sempre que sua mãe
o deixava em frente à escola...
quando passeava no centro da
cidade com seu avô...
ou nas vezes em que sua avó
o convidava para comprar
guloseimas no supermercado.
Às vezes, ele tinha a impressão
de que também era invisível.”
(Freitas; Moriconi, 2013).

Para iniciar este texto, inspiramo-nos no menino da literatura *Os invisíveis* (2013), livro que faz parte do projeto *Bibliotequinha*⁴, da professora Heloise Vidor, e que vem sendo trabalhado nas suas disciplinas, ministradas nos cursos de Licenciatura em Artes Cênicas, Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Na obra de Tino Freitas e Odilon Moraes, o menino possui um superpoder que está presente na delicadeza em olhar aquilo que está sendo desprezado pela maioria, enxergando o que muitas vezes parece invisível. Assim como o protagonista, escolhemos lançar o olhar para aquilo que, muitas vezes, passa despercebido no campo das Artes Cênicas: as proposições concebidas por professoras e professores-artistas da educação básica junto a crianças e jovens que constroem a escola diariamente.

4. A *Bibliotequinha* é um acervo pessoal da Professora, que contém livros infantis e juvenis para “crianças de todas as idades”, os quais a pesquisadora reuniu ao longo dos anos de trabalho no campo da Pedagogia das Artes Cênicas. Essa ação tem a finalidade de disponibilizar o acesso à literatura para professoras e professores em formação na graduação e na pós-graduação.

O que sabemos sobre as aulas de Arte/Artes Cênicas/Teatro⁵ que acontecem nas escolas de educação básica? Como são conduzidos os processos artísticos e pedagógicos na área das Artes Cênicas com crianças e jovens no ambiente escolar? Quais diálogos a universidade tem proposto diretamente com a comunidade escolar formada por crianças, jovens e professoras e professores que atuam nas escolas de educação básica no município de Florianópolis/SC e região? Estas foram algumas das questões que nos impulsionaram a idealizar a *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas*⁶, a propor um projeto que tem como principal objetivo compartilhar processos de estudo das Artes Cênicas, realizados nas escolas de educação básica da região. Apresentaremos as bases teóricas do projeto, os critérios e a organização logística que viabilizou a vinda das escolas à universidade e as reflexões que fizemos a partir dos compartilhamentos que foram realizados na primeira edição de 2023.

Com o intuito de aproximar a escola da universidade, bem como a universidade da escola, foi promovido um intercâmbio entre escolas e universidade, para que juntos pudéssemos conhecer e refletir sobre as possibilidades, as dificuldades e as diferentes formas de abordar e conduzir a aula de Artes Cênicas, valorizando a presença desta matéria e dando-lhe visibilidade.

A criação do projeto teve como impulso diversas questões referentes à escola e ao ensino de Artes Cênicas nesta instituição. Primeiramente, pontuamos a escassa oportunidade que as escolas de educação

5. Apesar da disciplina ser intitulada Arte e as linguagens serem Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, segundo a Lei nº 13.278 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 2016), escolhemos utilizar essa nomenclatura, Artes Cênicas, para designar não só a linguagem do Teatro, mas a área mais abrangente que pode se relacionar, por exemplo, com a Performance, o Circo, a Dança. Além disso, escolas estaduais e municipais, públicas e privadas, possuem diferentes nomenclaturas em relação a esta matéria, que pode ser nomeada como: Arte, Artes Cênicas ou Teatro. Portanto, processos artístico-pedagógicos desenvolvidos no âmbito das Artes Cênicas nas escolas foram bem-vindos no evento. A partir daqui, utilizaremos durante o artigo apenas o termo Artes Cênicas para designar os estudos dessa área de conhecimento na escola e os processos desenvolvidos pelas professoras e professores.

6. O projeto *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas* foi aprovado em 2022 pelo Edital Interno da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), intitulado Programa de Apoio à Cultura (ProCult) - Campus de Cultura UDESC 2023-2024, junto à Pró-reitora de Extensão (PROEX) que fomenta ações culturais nos Centros desta Universidade.

básica possuem de mostrar o que é realizado nas suas salas de aula à comunidade em geral e também à acadêmica, ficando as produções e os processos artísticos frequentemente restritos aos eventos escolares internos ou apenas a sala de aula. Além disso, o próprio ensino das Artes Cênicas no espaço escolar é corriqueiramente desvalorizado, visto como algo menor enquanto área de conhecimento da grande área Arte. Isso ocorre nas instituições desde a concepção dos próprios gestores escolares e colegas docentes até a dos trabalhadores das secretarias e coordenadorias educacionais que, muitas vezes, não compreendem as leis que amparam o ensino de Arte e suas linguagens específicas na educação básica. Este fato acaba por restringir ainda mais o campo das Artes Cênicas no ambiente escolar, o qual já encontra pouco espaço em relação às Artes Visuais e à Música.⁷

A partir das inquietações mencionadas até aqui, chegamos à concepção deste projeto: uma Mostra organizada como um espaço no qual as escolas pudessem trazer à cena uma *aula aberta*, evidenciando o caráter processual, fragmentado, inacabado e experimental daquilo que é estudado na matéria de Artes Cênicas nas escolas, diferenciando a Mostra de um Festival de Teatro Estudantil e de um evento acadêmico de pesquisa. A proposta, deste modo, foi trazer uma parte do que acontece no dia a dia da escola para ser mostrado nas dependências da universidade para outras e outros estudantes, escolas, professoras e professores em formação ou demais docentes em diferentes esferas do ensino. Como aula aberta entendemos propostas artístico-pedagógicas diversas como exercícios praticados, desenvolvidos, repetidos, aprimorados na aula de Artes Cênicas.

7. As dificuldades e os desafios do ensino das Artes Cênicas nas escolas de educação básica são inúmeros. Além destes já apontados, a baixa quantidade de profissionais dessa área de conhecimento trabalhando dentro das escolas públicas é notável quando comparada às demais áreas. Isso é pontuado no artigo *Docentes com licenciatura em teatro na Educação Básica: dados quantitativos de 2022 das escolas públicas no Brasil* (2023) de autoria de Túlio Fernandes Silveira e Tiago Cruvinel, por meio da análise de dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2022.

Sobre o contexto das escolas públicas participantes da primeira edição da Mostra, no que se refere à área de conhecimento em questão na rede municipal de ensino de Florianópolis, por exemplo, a disciplina Arte é subdividida nas linguagens específicas (Artes Visuais, Teatro, Dança e Música). Esta organização curricular possibilita que professoras e professores sejam contratados de forma específica dentro de sua área de formação, o que faz com que muitas das e dos licenciados em Artes Cênicas ou Teatro formados na UDESC atuem nestas escolas. Já, na rede estadual, o componente curricular Arte é ministrado por professoras e professores que possuem formações específicas em Dança, Música, Teatro ou Artes Visuais, mas que, corriqueiramente, precisam trabalhar com as quatro linguagens em suas aulas. Além disso, há também as escolas públicas federais como o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) que possuem aulas específicas de Teatro na grade curricular, ministradas por professoras e professores habilitados especificamente na linguagem. Portanto, na primeira edição da Mostra, em 2023, professoras e professores de todas estas instituições mencionadas participaram da proposta, além de uma escola da rede privada de ensino e uma escola social Marista.

Destacamos a importância do Centro de Artes, Design e Moda (CE-ART) da UDESC para a formação destas professoras e destes professores, tanto na formação inicial quanto na continuada. Isto por que todas e todos os 11 professores de Artes Cênicas participantes do evento em sua primeira edição, que atuam nas escolas de educação básica, tiveram suas trajetórias de formação vinculadas ao CEART. A maioria deles se formou no antigo curso de Educação Artística - com habilitação em Artes Cênicas, Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas ou na Licenciatura em Teatro e foram estudantes dos cursos de pós-graduação deste centro, como o Mestrado ou Doutorado em Teatro, atualmente Artes Cênicas, do PPGAC ou o Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES).

Portanto, inspirados por autoras e autores que refletem sobre a “forma-escola” (Masschelein; Simons, 2021; Rancière, 2022; Larrosa, 2019), a igualdade de inteligências e a emancipação (Rancière, 2015), o Teatro como convívio (Dubatti, 2012), a necessidade de criar redes entre universidade e escolas básicas (Vidor, 2020), fomos provocados a pensar sobre um modo de valorizar, difundir e conhecer de perto as particularidades presentes nas salas de aula de Artes Cênicas, por meio deste projeto. No *Sala de Aula em cena*, estudantes e professoras e professores puderam dialogar, repensar seus fazeres e mostrar um pouco do que acontece nas suas salas de aula, evidenciando as potencialidades presentes em ações quase invisíveis que acontecem nesses espaços, mas que, ao serem colocadas à mostra, denotam a grandeza que reside na simplicidade e na singularidade daquilo que é feito no campo das Artes Cênicas no ambiente escolar. São as nossas intenções e impressões, portanto, o que pretendemos aqui partilhar.

2 A concepção da Mostra: o embasamento teórico

Sala de Aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas foi idealizado, inicialmente, a partir do desejo de colocar em prática as teorias estudadas por nós durante nossas trajetórias como pesquisadores, artistas e professores. No capítulo do livro intitulado *Sobre alguma rede a tramar... entre teatro, escolas e universidade* (2020), Heloise Vidor pontua sobre a necessidade de criar rede entre escola e universidade, sendo uma das importantes provocações que sustentam a ideia da Mostra: como conectar o ensino básico e o ensino superior de forma efetiva? Por meio de sua prática docente, a autora defende a importância de “aproximar professores (universitários e da educação básica), alunos futuros professores, alunos da educação básica, pesquisadores, artistas” (Vidor,

2020, p. 136). Na proposta descrita no texto, a autora apresenta e discute uma prática docente e artística desenvolvida com professores em formação, estudantes da graduação da Licenciatura em Teatro, em um processo de montagem teatral sobre e com a escola, evidenciando que foi este o modo encontrado na ocasião para tecer rede. Nesse sentido, entendemos a Mostra como uma outra possibilidade de seguir tramando, abrindo campo para nos relacionarmos com “os espaços, os tempos, os sujeitos e as materialidades aí implicadas” (Vidor, 2020, p. 138) que, no caso deste evento, são os estudos de Artes Cênicas realizadas em aula no ensino curricular na educação básica.

Escolhemos apresentar os conceitos e fundamentos a partir do título *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas*. Pensamos que o primeiro termo que merece destaque é **Mostra**. Como dissemos anteriormente, ele foi escolhido para que o evento se dissociasse da ideia de festival estudantil ou seminário/congresso acadêmico. Queríamos enfatizar o caráter processual e de inacabamento que geralmente constituem o fazer teatral no ensino curricular e também o aspecto do estudo da matéria Artes Cênicas. Da mesma forma, queríamos nos distanciar de um formato acadêmico, no qual pesquisadoras e pesquisadores, em eventos acadêmicos, compartilham seus trabalhos, debatem conceitos, apresentam resultados de pesquisas e estudos científicos, mas na maior parte dos casos, não contam com a presença dos estudantes das escolas onde estas pesquisas acontecem.

Acreditamos que esse evento apresenta um formato alternativo, buscando a radicalização da horizontalidade na participação de todas as pessoas envolvidas na trama desta rede e buscando, também, mostrar o cotidiano de uma sala de aula de Artes Cênicas, ou seja, aquilo que acontece muitas vezes em quarenta e cinco minutos de aula e que é invisível àqueles que não estão na escola. A opção pela *Mostra* ainda busca a valorização da comunidade escolar no sentido de que todas e qualquer uma

possa participar, desde que haja um interesse em mostrar o que vem sendo trabalhado teatralmente na escola. Ou seja, o critério de escolha é pautado no acolhimento das inscrições, dentro da logística possível e não em critérios de qualidade artística do que será compartilhado. Aqui podemos estabelecer uma relação com as ideias de Jacques Rancière, filósofo argelino e radicado na França, no livro *O Mestre Ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual* (2015), no qual aponta o conceito de igualdade das inteligências. O autor questiona a relação entre ensino e aprendizagem, entre professor e estudante, que é vista, muitas vezes, como a daquele que detém o saber, transmitindo o conhecimento através de explicações àqueles que não sabem. Segundo as concepções de Rancière, para que se possa alcançar a emancipação intelectual é preciso que haja igualdade, no sentido de compreender que uma inteligência não está acima de outra, de modo que “todas as inteligências são diferentes” (Rancière, 2015, p. 37), ou seja, estão no mesmo patamar de igualdade.⁸

Nessa perspectiva, a fim de questionar a hierarquia geralmente encontrada na própria escola e em eventos coordenados por adultos que, vistos como especialistas, falam pelos sujeitos que estão implicados nas ações, escolhemos o formato de Mostra, de modo a abrir espaço para que as e os estudantes da educação básica falem, mostrem suas ideias e pontos de vista, em conjunto com seus professores, a partir das suas próprias referências, ideias, criações e contextos. A estratégia utilizada que se relaciona com esses conceitos foi a de dar oportunidade para que estas e estes estudantes conduzissem a roda de conversa final, a partir de estímulos e provocações lançados por nós, idealizadores do projeto. Lançávamos uma pergunta inicial, como um impulso para que elas e eles desenvolvessem suas próprias argumentações, trouxessem suas curio-

8. Na tese intitulada *Abrir um buraco no presente: a aula de teatro como experiência política* (2023), Filipe Brancalião Alves de Moraes, professor e pesquisador da área de Pedagogia das Artes Cênicas, aprofunda o conceito de igualdade de Jacques Rancière (2015). Ao investigar e descrever situações do cotidiano escolar em que a igualdade, como princípio democrático, é verificada na aula de Teatro, o autor expõe exemplos concretos de “cenas de igualdade”; reflete também sobre as tentativas de domar a escola e submetê-la à lógica do neoliberalismo.

sidades e seus interesses para o debate, sem explicações dos adultos às crianças, e professores aos estudantes, tensionando a hierarquização observada em muitos eventos escolares e acadêmicos.

Além disso, a palavra Mostra nos traz uma ideia de exposição, de tornar algo público para conhecimento, neste caso, abrir espaço para aquilo que normalmente fica no espaço privado das salas de aula. Essa ação pode ser associada à uma visita às salas de aula de Artes Cênicas, colocadas em cena, com o intuito de valorizar o trabalho das professoras e dos professores junto de suas e seus estudantes. Essa proposta de colocar à mostra processos artístico-pedagógicos desenvolvidos nas salas de aula nos retirou a possibilidade de controle daquilo que exatamente poderia aparecer em cena. Embora houvesse indicações e sugestões de possibilidades para serem compartilhadas na convocatória, estávamos abertos ao que pudesse vir. Ao sugerir a realização de uma *aula aberta*, propondo que as professoras e professores pudessem mostrar procedimentos e práticas que são realizadas em sala, supomos que elas e eles, cientes de sua responsabilidade pedagógica, elegessem aquilo que pedagogicamente e artisticamente considerassem mais interessante de ser compartilhado. A partir daí, nós, organizadores do evento, não tínhamos controle sobre o que poderia acontecer no momento das partilhas. Essa falta de controle pode ser arriscada, na medida em que exige que lidemos com eventuais situações conflituosas; mas, por outro lado, é um exercício em que acreditamos ser preciso desenvolver como docentes para fugir da coerção que, na escola, é tantas vezes identificada.

Quanto ao termo *Skholé*, é uma referência trazida por Jacques Rancière (2022) e aprofundada por Jan Masschelein e Maarten Simons (2021), filósofos da área da Filosofia da Educação. Para esmiuçá-lo, recorreremos ao primeiro deles, professor e filósofo franco-argelino, quando afirma que “[...] a escola não é, a princípio, uma função ou um lugar definido por uma finalidade exterior. Ela é, antes, uma forma de separa-

ção de espaços, tempos e ocupações sociais” (Rancière, 2022, p. 77), de modo que aquilo que torna a escola realmente uma escola é justamente a forma-escola, uma forma simbólica e pedagógica, entendida como separação e suspensão de tempos e espaços.⁹

Levando isso em conta, a obra *Em defesa da escola: uma questão pública* (2021) resgata e afirma a importância da escola no seu mais remoto significado, como um espaço onde há tempo livre para o estudo, no qual um bem comum (o conhecimento, o conteúdo, as matérias) é oferecido a todas e todos como um direito igualitário, sendo que este tempo se afasta de um tempo produtivo – do mercado de trabalho, por exemplo. Segundo Jorge Larrosa, “[...] o que faz a escola pública moderna é democratizar o tempo livre, isto é, tirar todas as crianças e a maioria dos jovens [...] das exigências do trabalho e lhes dar tempo para aprender” (Larrosa, 2019, p. 233). Para os autores, então, é possível afirmar que a escola é herdeira da *skholé*.

A noção de *skholé*, portanto, propõe a separação de dois tempos bem distintos: aquele das demandas do trabalho e da produção e aquele liberto das exigências do trabalho, um tempo livre para o estudo. Além disso, esse termo pode ser percebido como um tempo de separação (das exigências do mercado e das expectativas da família) e um tempo de suspensão (tornar algo inoperante, retirar algo do contexto habitual). O conceito de suspensão, segundo os autores belgas supracitados, pode ser entendido como a retirada das crianças do mundo produtivo, transformando-as em estudantes, pondo todas em posição de igualdade para iniciar os estudos. Na escola, elas têm a chance de suspender certas exigências para imergir em um tempo essencialmente escolar. Assim sendo, defendemos que a escola, em sua essência *skholé*, busca proporcionar espaço e tempo para que as e os estudantes possam se dedicar ao estudo

9. Essas ideias foram discutidas e aprofundadas durante a leitura coletiva do livro *Jacques Rancière e a escola: Educação, política e emancipação* (2022), no ano de 2023, no Grupo de Estudos vinculado à área de Pedagogia da Artes Cênicas do PPGAC/UDESC e coordenado pela Profa. Dra. Heloíse Vidor.

sem estarem vinculados às demandas imediatas do dia a dia, independentemente de sua origem familiar ou posição social.

Buscamos nos aproximar do conceito de *skholé* por conta do desejo de abrir um espaço e proporcionar tempo para estudar as Artes Cênicas na escola, de forma coletiva, por meio do compartilhamento de processos artístico-pedagógicos desenvolvidos com crianças e jovens nos espaços de ensino formal na aula curricular. Nesse sentido, foi realizada uma abertura do espaço da universidade para que estudantes de diferentes níveis da educação básica pudessem conviver em um tempo de experimentação, discussão e recepção teatral, um momento de educação estética com foco no estudo e compartilhamento desse bem comum: as Artes Cênicas. Além disso, relacionando com a noção de suspensão e de separação do tempo, apontadas anteriormente, acreditamos que a Mostra evidencia a experimentação de um tempo que está longe das exigências do mercado, pois não intenciona colocar as crianças e os jovens em cena para um fim específico e produtivo. Em vez disso, procura tornar inoperantes as expectativas criadas aos jovens, por exemplo, para serem algo no futuro para além do que estão experimentando ser atualmente e não vincula a ideia de Artes Cênicas a um caráter comercial, mas a um estudo da linguagem sem objetivos outros além do estudo desta matéria por si só.

O último termo do subtítulo do evento é *Artes Cênicas*. Embora na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2018) seja utilizada a nomenclatura Teatro, percebemos a necessidade de abordar esta área do conhecimento de forma expandida, complexa e híbrida (Monteiro, 2026), alinhada ao próprio Teatro Contemporâneo e à Performance. Nesse sentido, as aulas de Arte ministradas nas escolas por professoras e professores com formação específica podem ser propostas de forma que coloquem em interface as linguagens, possuindo um caráter expandido, uma complexidade e um hibridismo das formas artísticas (Monteiro, 2016).

Quanto ao título *Sala de Aula em Cena!*, começamos pelo *Sala de Aula* que consideramos essencial, pois, por meio dele, pretendemos evidenciar a sala de aula como um espaço de potência criativa e experimentação da linguagem das Artes Cênicas, um espaço de germinação da teatralidade.¹⁰ De mais a mais, alinhados com os autores que estudamos, entendemos que a escola se faz com ações do âmbito do ordinário (e não do extraordinário), portanto, a ideia foi incentivar as professoras e os professores a mostrarem o que é do dia a dia das suas aulas, que se repete com frequência no cotidiano, ou seja, o que acontece diariamente nas aulas dentro das salas de Artes Cênicas nas escolas. Com isso, fugir de uma ideia de que para mostrar algo é necessário apresentá-lo de forma finalizada¹¹ (motivo de frustração de muitas e muitos docentes), mas sim iluminar o que já é feito, aquilo que é corriqueiro nas dependências da escola, o que ocorre quando a porta da sala de aula se fecha para o espaço externo e ali, internamente, abre-se espaço para criação, experimentação e estudo do campo artístico com as crianças e os jovens. Defendemos, portanto, a ideia de *aula aberta* como mostra do próprio estudo, no qual a sala de aula de Artes Cênicas é colocada em cena para ser vista e reelaborada. Esta forma de valorizar o estudo nos faz refletir sobre uma aula aberta enquanto espaço frutífero de teatralidade em uma perspectiva de (re)visibilização da sala de aula, do processo artístico-pedagógico, do caminho de criação e experimentação da linguagem teatral com as e os estudantes na escola.

10. Carmela Soares (2010), professora universitária da área de Pedagogia das Artes Cênicas, ao desenvolver um estudo sobre o jogo teatral e sua poética em sala de aula, associa a teatralidade a uma maneira poética e efêmera de perceber as situações, entendendo que uma atividade artística, mesmo realizada em ambientes simples e cotidianos, pode adquirir essa qualidade teatral. Sendo assim, a teatralidade pode ser entendida como algo que surge, se instaura por alguns instantes e desaparece; e o estudo das Artes Cênicas em aula é lugar frutífero para tal germinação.

11. Céli da Mendonça (2019), professora universitária da área de Pedagogia das Artes Cênicas, aponta que o trabalho com percursos criadores em Teatro na escola pode focar no desenvolvimento de produtos parciais e não, necessariamente, em uma montagem bem finalizada. A pesquisadora dispensa a necessidade de um produto final qualquer e expõe o desejo da construção de uma forma final que esteja ligada com o processo de experimentação teatral em sala de aula. Essa ideia parece-nos interessante para se pensar no que já é feito na aula, o quanto o processo pedagógico pode ser percebido como material artístico a ser mostrado.

Já, em relação ao termo *Cena*, sabemos que há uma multiplicidade de sentidos referentes a esta palavra. Em espanhol, a palavra *escena* pode ser entendida como um local destinado à apresentação de um espetáculo diante de um público. Para Patrice Pavis (1999, p. 42), este termo, ao longo da história, é entendido de diferentes formas: “cenário, depois área de atuação, depois o local da ação, o segmento temporal no ato e, finalmente, o sentido metafísico de acontecimento brutal e espetacular (‘fazer uma cena para alguém’)”. Podemos entender a palavra *Cena*, também, como um dos seus sentidos presente no dicionário: como um lugar no qual um evento real ou imaginário acontece, nesse viés, um espaço que pode germinar teatralidade. Nesse caso, relacionando algumas dessas ideias mencionadas, intencionamos com o termo *em cena*, no título do projeto, evidenciar a retirada da aula da sala de aula da escola e levá-la para um local que é destinado a apresentações de espetáculos diante de um público (e também de aulas do ensino superior em Artes Cênicas). Este deslocamento modifica a aula do âmbito escolar, porque ao estar neste lugar propriamente teatral, com recursos cênicos, realizando uma aula com outras pessoas (atuantes e observadores), ainda que sejam observadores internos ao evento, reforça a teatralidade germinal e propõe outra configuração para o próprio acontecimento.

Nesse sentido, relacionamos essas ideias ao que Jorge Dubatti, professor e pesquisador da Teoria Teatral, defende quando afirma que não há como existir Teatro sem a presença do corpo. Na visão do pesquisador, o Teatro, historicamente, é por si só um espaço de convivialidade. Em uma entrevista cedida a Renato Mendonça, Jorge Dubatti alega que: “o que é sumamente interessante no Teatro é que [...] sua base está no convívio, no encontro com o outro, no corpo a corpo” (Mendonça, 2012, p. 4). Portanto, sem convívio, sem estar junto do corpo do outro, em estado presente com outras pessoas, não existe Teatro.

Nesse sentido, colocar a sala de aula em cena, a nosso ver, é abrir espaço para o acontecimento cênico coletivo e de convívio, em um am-

biente um pouco diferente daquele que os estudantes da educação básica estão acostumados, no caso, o espaço da universidade. Quem sabe assim, dando visibilidade a essa matéria de estudo, os olhos desses estudantes brilhem pela experiência de conhecer este espaço de ensino e aprendizagem em Artes Cênicas, que pode ser uma futura escola para continuar seus estudos ou ainda brilhem um pouco mais os olhos pelo campo das Artes Cênicas. Quem sabe.

3 A sala de aula se desloca das escolas e invade a universidade

A primeira edição do *Sala de aula em cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas* recebeu, ao todo, 10 escolas da Grande Florianópolis nos dias 3, 4 e 5 de outubro de 2023. A Mostra contou com a participação total de 11 professores de Artes Cênicas junto de uma de suas turmas de crianças ou jovens que compartilharam, no espaço universitário, processos artístico-pedagógicos de Artes Cênicas. Foram 7 grupos de Ensino Fundamental e 3 grupos de Ensino Médio participantes, totalizando aproximadamente 350 participantes nos dias do evento. O público-alvo do projeto foram crianças e jovens, com faixa etária entre 6 e 17 anos de idade, ligados a instituições de ensino, escolas de educação básica, de Florianópolis e região, bem como professoras e professores responsáveis por essas turmas, além da própria comunidade acadêmica, formada principalmente por pessoas que atuarão na área do ensino das Artes Cênicas futuramente, estudantes CEART da UDESC.

As inscrições foram realizadas por meio de convocatória pública divulgada amplamente nas escolas da região. A programação do evento

foi elaborada coletivamente pela equipe de produção¹², considerando os períodos possíveis para a participação de cada turma inscrita por seu professora ou professor responsável, dentro dos horários disponíveis conforme a grade horária das instituições de ensino. A fim de garantir a participação de escolas dos mais diversos contextos sociais, a equipe organizou os horários do evento, respeitando o período de aula (das 8h às 12h e das 13h às 17h, aproximadamente), considerando possíveis atrasos, sem que as escolas e o evento pudessem ser prejudicados. Para tanto, oferecemos transporte e alimentação gratuitos aos participantes, custeados através do edital de cultura.

O evento seguiu a mesma estrutura de planejamento em todos os cinco períodos (cada um deles recebia duas turmas de duas escolas diferentes) organizados nestas etapas: 1) Recepção e entrega das camisetas às turmas participantes; encaminhamento das turmas ao Espaço 1 ou Espaço 2 do CEART/UEDESC; breve apresentação dos objetivos da Mostra, da sua viabilização por meio de Edital da PROEX e apresentação da equipe de execução e idealizadores do evento; 2) Realização de um jogo teatral coletivo de interação e reconhecimento das e dos participantes, conduzido por nós e realizado em uma grande roda (Fig. 1); 3) Compartilhamento do processo artístico-pedagógico de uma das turmas; lanche coletivo e momento de intervalo; 4) Compartilhamento do segundo processo artístico-pedagógico, agora da outra turma; conversa final com todas as pessoas participantes, em roda, a fim de dialogar sobre o que foi vivenciado e também refletir sobre as diferentes propostas presentes nas salas de aula de Artes Cênicas nas escolas.

Ao todo, foram compartilhados quinze processos artístico-pedagógicos desenvolvidos por onze professoras e professores de Artes Cênicas junto de uma das suas turmas de estudantes de sua escola. Consi-

12. A equipe de produção do evento conta com Heloíse Vidor, Túlio Fernandes e Júlia Fernandes como idealizadores do projeto e coordenadores; Be May, graduanda e bolsista de extensão do projeto; Lia Ferronato, graduanda e bolsista de pesquisa; Antonio Magiotti, produtor executivo contratado e Nathália Albino, designer contratada do projeto.

Figura 1 – Jogo teatral coletivo em grande roda. Foto de Djúlia Marc. Acervo do autor.



derando que algumas das turmas compartilharam mais de um tipo de proposta no tempo disponível para cada escola e que algumas evidenciaram mais o caráter de aula (em processo) e outras propostas mostraram algo mais finalizado, destacamos que: quatro processos foram relacionados ao Teatro de Formas Animadas (sombras, máscaras e lambe-lambe); um era uma leitura dramática; cinco eram cenas teatrais autorais criadas com os grupos de estudantes apresentando, em alguma medida, personagens, figurinos e cenários; cinco foram compartilhamentos de momentos de aulas, conduzidos pelos professores ou pelos próprios estudantes, com a participação da plateia, interna ao próprio evento, nas atividades e dinâmicas teatrais propostas. Compartilhamos a seguir, de forma breve, o que ocorreu nos cinco períodos da Mostra junto de algumas reflexões.

Iniciamos o primeiro dia do evento com a participação de um 9.º Ano da Escola da Ilha de Florianópolis/SC (única escola particular par-

ticipante) e do 3.º Ano do Ensino Médio da Escola de Educação Municipal Professora Maria da Glória Viríssimo de Farias de Biguaçu/SC. As propostas artísticas foram as seguintes: *Isso é Teatro? Processo Criativo de peças radiofônicas* com a turma da professora Beatriz Cripaldi e *Experimentos Escolares da 301*, com a professora responsável Maria Izabel Muniz Mendes, respectivamente. No primeiro período do evento, fomos surpreendidos pelos estudantes do 9.º Ano que assumiram a condução da proposta, convidando os demais estudantes da outra escola a realizar um exercício de sonoplastia e criação de paisagem sonora, explorando em pequenos grupos o ambiente externo, os corredores, o pátio e o bosque da universidade, com o objetivo de criar propagandas criativas em áudio, gravadas com os celulares dos próprios participantes e que depois foram compartilhadas com todas as pessoas do evento.

Após esta primeira partilha, os estudantes do 3.º Ano do Ensino Médio convidaram a turma de 9.º Ano e demais participantes para realizar exercícios de aquecimento e preparação corporal conduzidos inicialmente pela professora e, em seguida, assumidos pelos próprios estudantes. Após esta etapa, compartilharam uma cena teatral com dramaturgia escrita por uma estudante da turma, finalizando com um vídeo produzido pelos próprios estudantes sobre algumas de suas experiências escolares. As duas turmas se encontravam em uma etapa de finalização do ciclo escolar. Ambas perceberam e se reconheceram nestas fases, identificando suas semelhanças e diferenças a partir da etapa de ensino que frequentavam. Isto foi observado durante a conversa final, após os compartilhamentos.

No período da tarde recebemos os 2.ºs e 3.ºs Anos do Ensino Médio do Instituto Estadual de Educação (IEE) e do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) de Florianópolis/SC. As duas escolas estão situadas na região central da cidade, a poucos metros de distância: uma de Ensino Fundamental, Médio e Magistério, enquanto a outra de Ensino Médio e Técnico, respectivamente. A primeira proposta do período vespertino

intitulada *Experimentações Grupo de Teatro IEE*, sob a responsabilidade da professora Ana Paula Lopes do IEE, foi conduzida junto aos estudantes e partilhada com a turma da outra escola e demais participantes da Mostra desse período, o que ocorreu também durante a proposta *Isso é improviso: metodologias para fomentar a disponibilidade*, conduzida pela professora Esha Prem do IFSC. Em ambas as propostas, o envolvimento e a seriedade com que as e os estudantes executaram os exercícios saltavam aos olhos da equipe do evento, evidenciando a familiaridade e a autonomia delas e deles com as propostas compartilhadas. Os exercícios variaram de jogos teatrais e percepção corporal e espacial inspirados nas abordagens de Viola Spolin e Augusto Boal, a uma leitura dramática em coro, cuja temática abordou a questão do racismo em tom de manifesto. A proposta abriu espaço para a discussão, no debate final, de questões sociais atuais, extremamente relevantes, através do compartilhamento realizado.

O segundo dia da Mostra, no período da manhã, contou com a participação de turmas que se dedicaram a experimentos relacionados ao Teatro de Formas Animadas. A Escola de Educação Básica Professora Eloisa Maria Prazeres de Faria, de Biguaçu/SC, sob a responsabilidade do professor Marcelo Silva Mendes trouxe, com o 4.º Ano do Ensino Fundamental, a proposta intitulada *Teatro de sombras e as possibilidades da sala de arte*. Recebemos, neste mesmo período, a Escola Básica Municipal Professora Zulma Freitas de Souza, de Florianópolis/SC, com o professor Éder Sumariva e sua turma do 7.º Ano do Ensino Fundamental, com duas propostas intituladas: *Teatro lambe-lambe e Sombras: mostra aberta*. Os compartilhamentos trouxeram produções realizadas pelos próprios estudantes com Teatro de Sombras, representando histórias autorais e interpretando músicas para serem dançadas por silhuetas nas sombras.

No período da tarde, a Mostra aconteceu com a participação da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro de Florianópolis/SC e a Escola Social Marista de São José/SC. A proposta da primeira escola,

realizada com uma turma de 4.º Ano do Ensino Fundamental sob condução do professor Vinícius Huggy, intitulava-se *Fluxo, Staccato, Caos, Lírico e Quietude*, uma prática corporal fundamentada na metodologia *5 Rythms Movements* da coreógrafa estadunidense Gabrielle Roth. As crianças preencheram a sala da universidade experimentando diversos ritmos, formas e tempos inspirados por uma música trazida pelo professor, que estendeu o convite da prática a todas as pessoas participantes da Mostra daquele período. Assim, estudantes universitários, crianças e adolescentes da educação básica, em conjunto com suas professoras e seus professores, realizaram uma experimentação corporal coletiva, abrindo a tarde com movimento e interação (Fig. 2).



Figura 2 – Aula aberta de prática corporal. Foto de Djúlia Marc. Acervo do autor.

A Escola Social Marista foi a única organização social¹³ a participar da Mostra, com duas propostas distintas, sob a condução da professora Franciele Rodrigues da Silva Garcia. A primeira foi *Teatro Lambe-lambe*, na qual aproximadamente 5 crianças entre 10 e 11 anos de idade compartilharam histórias autorais e outras inspiradas em literaturas infantis em suas caixas de lambe-lambe construídas em papelão. A segunda foi a apresentação do trecho de um espetáculo autoral intitulado *O futuro é feminino*, realizado por 6 jovens entre 12 a 15 anos de idade. Por se tratar de uma organização social que atende estudantes em horário de contraturno escolar, as turmas não estavam divididas por etapa de ensino e série, mas por idade aproximada. Observamos que a diferença das faixas etárias dos participantes da Escola Básica Municipal João Gonçalves Pinheiro de Florianópolis/SC e da Escola Social Marista de São José/SC, neste caso, provocou uma certa tensão na recepção da cena compartilhada, pois a temática feminista foi abordada pelos jovens, visando a uma comunicação com outros jovens e com adultos. Isto gerou certo descompasso em relação ao público infantil. Ao mesmo tempo, quando entrou em cena a personagem Malala, houve um reconhecimento imediato e uma identificação por parte das crianças. Pensamos que a tensão neste caso não foi em relação ao tema propriamente, mas à forma como foi cenicamente colocado, que não previa um endereçamento ao público infantil.

Interessante pensar que o descompasso observado por nós, adultos, não apareceu no debate ao final do encontro. As crianças perguntavam questões relacionadas ao próprio fazer teatral, tais como o nervosismo ao entrar em cena, a ação de decorar as falas, sobre ter ou não vergonha durante a representação, sobre como foram criados os figurinos. Estas falas, a nosso ver, demonstram o quanto nossa postura e visão

13. Cabe destacar que a participação desta instituição não formal de ensino foi possível em função da desistência de uma professora de outra escola, por questões de saúde. Nossa intenção era reunir ações desenvolvidas apenas no ensino curricular das escolas básicas. Entretanto, para que uma escola não ficasse sem a interação com outra, consideramos possível a participação dessa turma.

como professoras, professores e adultos pode, muitas vezes, inibir um processo de fruição artística das crianças, ao julgar que determinadas temáticas podem ou não ser adequadas à faixa etária, enquanto para elas, o que realmente marcou nesse contexto específico, foi a oportunidade de assistir, nas palavras delas, a uma peça teatral “de verdade”: com personagens, iluminação, figurinos, sonoplastia.

O terceiro e último período do evento contou com a participação de um 9.º Ano da Escola de Educação Básica Professora Laura Lima e com os 5.ºs Anos do Colégio de Aplicação (CA-UFSC), ambos de Florianópolis/SC. A primeira proposta foi conduzida pelo professor Willian Ferreira, intitulada *As máscaras de Laura Lima*, e consistiu na experimentação corporal de um coro de figuras criadas a partir de máscaras neutras, que eram utilizadas no rosto e também em diferentes partes do corpo (Fig. 3). Uma música instrumental perpassava a ação e conduzia a movimentação dos corpos dos jovens.



Figura 3 – Aula aberta com máscaras neutras. Foto de Djúlia Marc. Acervo do autor.

Após esse compartilhamento, duas turmas de 5.ºs Anos do Colégio de Aplicação (CA-UFSC) mostraram cenas criadas por meio de jogos teatrais e de improvisação em sala de aula, sob a organização das professoras Nara Micaela Wedekin, com *Viagem para a Ilha do Terror* e da professora Mariana da Silveira Schmitz, com *Duas casas, dois mistérios*. O trabalho consistiu em mostrar três narrativas cênicas criadas a partir de improvisações das e dos estudantes em sala de aula com temática de suspense.

Algo que surgiu no debate final deste período foi a diferença de estrutura física entre as duas escolas, tema que já havia aparecido em outros momentos do evento. O 9.º Ano ressaltou que não há na escola deles um espaço adequado para o fazer teatral, mas destacou o quanto o professor demonstrava, em sala de aula, que era possível fazer Teatro com aquilo que tinham à disposição. Como exemplo, falaram sobre uma aula de Teatro feita a partir do uso da vassoura e da lixeira da sala. Em relação às máscaras neutras utilizadas na cena, elas foram confeccionadas e utilizadas cenicamente por todos os estudantes da turma, embora nem todos sentissem vontade de compartilhar o processo publicamente. Em contrapartida, as crianças da outra escola que possuíam uma sala própria para a aula de Teatro, mostravam familiaridade com os diversos materiais e acessórios cênicos trazidos da própria escola como óculos, chapéus de diversas cores e tamanhos, lenços, tecidos, telefones, uma grande quantidade de materiais que eram utilizados em cena, mostrando os contrastes presentes no Teatro que é feito nas escolas, também em função das condições estruturais em que as aulas acontecem.

A conversa final ocorrida em todos os períodos da Mostra foi conduzida pela equipe idealizadora do projeto, de modo a provocar a fala das e dos participantes, a partir dos questionamentos, desejos e necessidades das e dos próprios estudantes, professoras e professores (Fig. 4). O intuito era abrir espaço para que um diálogo efetivo acontecesse entre

Figura 4 – Um dos momentos de bate-papo da Mostra. Foto de Djulia Marc. Acervo do autor.



a comunidade escolar e a comunidade acadêmica, sem que houvesse um julgamento ou um debate sobre técnicas ou metodologias específicas. Nossa intenção era justamente que a conversa fosse uma abertura de caminhos para a escuta, permitindo que a própria escola pudesse mostrar o que de fato constitui o seu fazer diário nas suas salas de aula e deixar com que as escolas dialogassem entre si sobre o fazer teatral em seus contextos. Vinculamos essa proposta às ideias de emancipação intelectual do filósofo Jacques Rancière (2015), como mencionado anteriormente. Aqui o mais importante para nós era deixar que os sujeitos que estão implicados diretamente nas ações teatrais falassem por si mesmos, que o caráter de especialistas, presentificados nas professoras, professores e adultos presentes, pudesse ser dissipado, entendendo que ali todos estavam vivenciando uma experiência a partir dos princípios de uma igualdade pedagógica.

A Mostra abarcou a ideia de intercâmbio cultural ao proporcionar um espaço de criação de relações, vínculos e acolhimento para as e os

participantes envolvidos. Nesse sentido, foi pensado na ideia de convívio, trazidas por Jorge Dubatti (Mendonça, 2012), por meio do compartilhamento das propostas de estudo das Artes Cênicas colocadas em cena e, principalmente, da vivência de um acontecimento. Esse acontecimento percorreu o caminho da escola até a universidade (feito de ônibus de forma coletiva, no qual as e os estudantes relataram que esse momento foi muito divertido), a recepção delas e deles no espaço do Departamento de Artes Cênicas (DAC) da UDESC, o compartilhamento das propostas, o momento de lanche coletivo e o debate final.

O momento do lanche e do intervalo foi pensado por nós como uma etapa tão importante quanto as outras, em termos de convívio e cuidado: a sala foi organizada com tecidos e decorações nas cores e imagens respectivas do evento, com a intenção de ambientar este lugar com a arte visual concebida para a Mostra; uma parede da sala foi coberta por papel craft e várias canetas coloridas foram dispostas de modo que as pessoas participantes pudessem escrever, assinar, desenhar no papel, formando um grande cartaz coletivo que ficou disponível na sala em todos os dias do evento, preenchido a cada dia e trazendo à tona reflexões e sensações das e dos estudantes e professoras e professores que passavam pelo evento (Fig. 5).

Outra ação que consideramos relevante no projeto foi a distribuição de camisetas para todos os estudantes, professores e participantes. A mobilização dos participantes junto à equipe para receber o material já chamava a atenção da comunidade acadêmica que observava a movimentação de crianças e jovens em um local que é ocupado majoritariamente por adultos. Percebemos que esta ação, de unificar os participantes com a camiseta que levava o símbolo escolhido para representar a Mostra (uma arte visual circular, ilustrada com bonecos-palito coloridos em movimentos variados, lembrando uma roda de crianças em ação) trouxe uma visualidade às pessoas participantes, dando outras cores aos corredores do CEART.

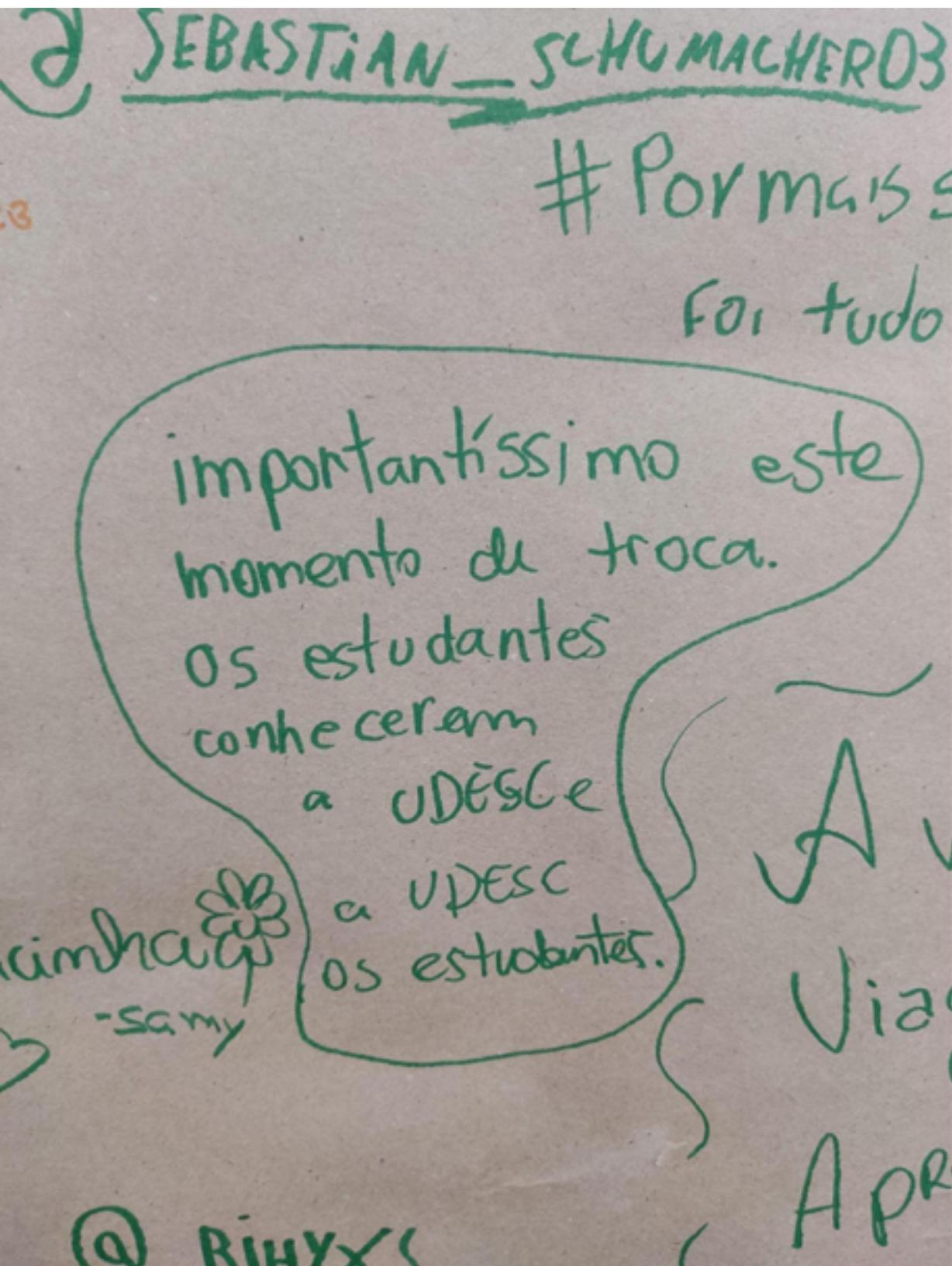


Figura 5 – Um dos escritos no mural de recados. Foto de Túlio Fernandes Silveira. Acervo do autor.

Além de facilitar a identificação das pessoas envolvidas no evento, a unificação trouxe, no momento dos compartilhamentos, a possibilidade de enxergarmos as turmas de diferentes escolas sem qualquer diferenciação: escolas públicas, privadas, organizações sociais e institutos federais, todos vestiram a camisa do evento e participaram coletivamente do encontro, estreitando laços, compartilhando formas e descobrindo outros modos de fazer aula de Artes Cênicas na escola. Relacionamos essa perspectiva com o conceito de suspensão (Masschelein; Simons, 2021), ao transpor essa ideia por meio do entendimento desse espaço como capaz de suspender as hierarquias pré-estabelecidas (familiares, sociais e econômicas) dos estudantes para que todos vivenciassem uma igualdade pedagógica, que coloca as Artes Cênicas como a matéria de estudo a qual todas e todos são capazes de experimentar juntas e juntos.

Por fim, acreditamos que a Mostra expandiu, como pretendido, os muros da escola de modo que as salas de aula de Artes Cênicas da educação básica invadiram a universidade durante os dias em que aconteceu o evento. Assim, por meio do compartilhamento de aulas abertas, pudemos refletir sobre a justaposição entre a aula e a cena através das práticas artístico-pedagógicas compartilhadas. Quando uma aula deixa de ser aula e vira cena? Ou, ainda, quando uma cena passa a ser uma aula? Observamos que, ao deslocar o acontecimento de uma sala de aula para uma exposição pública em outro espaço (neste caso, o espaço da universidade) em que há fazedores e observadores, este caráter que já é intrínseco ao fazer teatral é enfatizado e ganha outras proporções.

Nesse caso, o que achávamos que seria uma Mostra de processos e procedimentos, acabou se tornando uma Mostra compartilhada no momento em que a plateia, principalmente a turma da outra escola participante do evento, é convidada a realizar a *aula aberta* junto de todos, por meio da mediação dos próprios estudantes e das professoras e professores responsáveis. Cabe lembrar que este desdobramento não havia sido

planejado por nós, mas ocorreu já no momento em que as primeiras turmas se encontraram no espaço da Mostra e, abertos à proposta, sentiram liberdade e vontade de convidar, uns aos outros, para compartilhar suas aulas na prática. Assim, evidenciando, entre tantos aspectos do evento, o caráter de autonomia dos artistas-estudantes da educação básica e uma possibilidade de mobilidade entre a aula e a cena.

4 Após o encontro com o invisível: considerações finais

Escolhemos, neste texto, escrever sobre as possibilidades das aulas de Artes Cênicas que acontecem no contexto da educação básica, buscando tornar visíveis os processos artístico-pedagógicos desenvolvidos nestes espaços, através da apresentação e análise da primeira edição do *Sala de aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas*. Pontuamos algumas características que chamaram nossa atenção e que evidenciaram a potência da Mostra para criar rede entre a universidade e as escolas. Portanto, alguns pontos considerados essenciais são: a diversidade de propostas artísticas e teatrais compartilhadas que evidenciaram múltiplas possibilidades nas salas de aula; as escolhas pedagógicas de cada professora e professor (aquilo que toca cada um e que merece ser estudado e compartilhado); as diversas maneiras de ser professora e professor na escola, que foi percebido por meio dos modos de conduzir as *aulas abertas* e de se relacionar com as e os estudantes; a criação desse espaço de convívio pelos vínculos que as Artes Cênicas são capazes de instaurar e a autonomia das e dos estudantes em conduzir o processo de compartilhamento de suas propostas artístico-pedagógicas.

Destacamos, ao considerar os principais aspectos observados durante a Mostra, o amadurecimento da própria proposta do projeto durante sua feitura, com a alteração de algumas ações previamente delineadas.

Por exemplo, inicialmente tínhamos a pretensão de trazer professores convidados, especialistas na área de Teatro e Educação para proferirem palestra e conduzirem o debate ao final de cada compartilhamento, mais parecido com o formato de um evento acadêmico. Entretanto, percebemos que, ao priorizarmos o caráter de *aula aberta*, encorajando as professoras e os professores a tornarem públicas suas propostas e métodos, entendendo que as fragilidades e as discontinuidades poderiam estar presentes, optamos por priorizar a fala das próprias pessoas implicadas: crianças, jovens, professoras e professores da educação básica, em diálogo com as e os demais participantes da comunidade universitária que estavam presentes, contando com a nossa mediação.

Em relação aos docentes participantes da Mostra, notamos que a maioria se encontrava em regime de contrato temporário nas instituições participantes, salvo 4 docentes que são efetivos em suas instituições: 2 vinculados à Secretaria de Educação de Santa Catarina (SED-SC), 1 ao Colégio de Aplicação da UFSC (CA-UFSC) e 1 à Prefeitura Municipal de Florianópolis. Em vista disso, podemos perceber o cenário como preocupante para a área das Artes Cênicas, uma vez entendendo que tais fatores podem contribuir para a invisibilidade das produções teatrais. Compreendemos que muitas das professoras e professores não conseguem realizar, muitas vezes, uma jornada de trabalho nas escolas maior do que o período de um ano letivo¹⁴. Entretanto, acreditamos que ser efetivo ou substituto não está diretamente relacionado à potência e ao cuidado com o trabalho artístico realizado em sala de aula com os estudantes, o que pôde ser percebido nas partilhas.

O evento, ao reunir professoras e professores do ensino básico com suas respectivas turmas em visita à universidade, partilhando e vi-

14. Estatisticamente, no ano de 2022 na região Sul do país existiam apenas 253 docentes com Licenciatura em Teatro atuantes em escolas de Ensino Básico (Cruvinel; Silveira, 2023), sendo que desses aproximadamente 55% são efetivos. Portanto, 45% dos profissionais dessa área se encontram em situação instável de trabalho, como docentes substitutos (o que pode ser visualizado em relação aos participantes da Mostra). Defendemos aqui a necessidade de abertura de concursos públicos para a área de Artes, legitimando o espaço de docentes de Artes Cênicas e Teatro neste lugar que, historicamente, privilegia as Artes Visuais.

venciando práticas com outras escolas, com estudantes em formação na licenciatura e na pós-graduação, possibilitou uma ampla e enriquecedora troca de conhecimentos e experiências culturais e artísticas, tendo a escola como centro. Para os estudantes do ensino básico, essa vivência proporcionou maior integração com as atividades de extensão universitária e, quem sabe, pôde despertar o interesse para cursar as graduações do CEART. Em relação a esta última hipótese, no ano seguinte ao primeiro evento, ficamos sabendo que três dos quase 250 estudantes da educação básica que participaram da Mostra estavam cursando a Licenciatura em Artes Cênicas da UDESC.

Diante das reflexões sobre o evento *Sala de Aula em Cena! Mostra Skholé de Artes Cênicas*, emerge a necessidade de seguir fortalecendo os laços entre a universidade e as escolas de educação básica. A proposta de criar rede, como destacado por Vidor (2020), não apenas ressalta a importância dessa conexão, mas pôde ser colocada em prática durante três dias de efervescência criativa por meio da vivência de crianças e jovens de diferentes escolas na universidade. Nesse sentido, o evento estabelece uma parceria frutífera entre a universidade e as escolas, promovendo diálogos por meio do fazer artístico e teatral. Ao evidenciar a presença efetiva das aulas de Artes Cênicas nas escolas, a Mostra se torna uma espécie de catalisador – uma prova tangível do vínculo e da relevância das Artes Cênicas na educação básica, expandindo olhares, muros e promovendo encontros significativos ao tornar visível o que, muitas vezes, é considerado invisível na escola e na sociedade: as Artes da Cena em escolas.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2016.

CRUVINEL, Tiago de B.; SILVEIRA, Túlio F. Docentes com licenciatura em teatro na Educação Básica: dados quantitativos de 2022 das escolas públicas no Brasil. *Sala Preta*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 6-29, 2023. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v22i2p6-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/209859>. Acesso em: 11 fev. 2024.

FREITAS, Tino; MORICONI, Renato. **Os Invisíveis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MENDONÇA, Célida. **Fome de quê?**: processos de criação teatral na rede pública de ensino de Salvador. São Paulo: Hucitec, 2019.

MENDONÇA, Renato. Entrevista com Jorge Dubatti. *Cena*, [S. l.], n. 10, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/26187>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MORAES, Filipe Brancalhão Alves de. **Abrir um buraco no presente**: a aula de teatro como experiência política. 2023. Tese (Doutorado em Pedagogia do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27155/tde-27062023-103424/publico/Filipe-BrancalhaoAlvesdeMoraesOriginal.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2024.

MONTEIRO, G. L. G. A Cena Expandida: alguns pressupostos para o teatro do século XXI. *ARJ – Art Research Journal*: Revista de Pesquisa em Artes, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 37-49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/8427>. Acesso em: 16 mar. 2024.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. Escola, produção, igualdade. In: CARVALHO, José S. F. (Org.). **Jacques Rancière e a escola**: Educação, política e emancipação. São Paulo: Autêntica Editora, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** - cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral**: uma poética do efêmero e o ensino de teatro na escola pública. São Paulo: Hucitec, 2010.

VIDOR, Heloise Baurich. Sobre alguma rede a tramar... entre teatro, escolas e universidade. *In*: **Pedagogias do desterro**: práticas de pesquisa em artes cênicas. NOGUEIRA, Márcia Pompeo, et al (Org.). São Paulo: Hucitec, 2020.

Submetido em: 31/10/2024

Aceito em: 16/04/2025